

# Biden tem de deter o dólar demolidor

**EUA deveriam liderar esforço coordenado para enfraquecer sua moeda**

**Por Ruchir Sharma**

**Valor, 11/10/2022**

Nos últimos meses, o dólar em alta demonstrou sua força pelo mundo, exacerbando a pressão sobre os mercados financeiros e sobre qualquer país que esteja alarmado com a perspectiva de precisar pagar contas e créditos contraídos na moeda americana, cada vez mais cara.

A maioria dos analistas atribui a alta do dólar nos últimos 12 meses à elevação das taxas de juros dos Estados Unidos, necessária para combater a inflação. O dólar, porém, se tornou como uma bola de demolição, tendo se valorizado mais do que seria justificado pelos fundamentos reais, como a diferença entre as taxas de juros nos EUA e no resto do mundo. O extraordinário salto no valor é impulsionado pelos investidores que veem o dólar como único refúgio e por especuladores apostando que a moeda continuará se valorizando.

A intromissão governamental nos mercados de câmbio é desaconselhável, mas o dólar permanece em patamares irracionalmente altos, quase 40% mais caro desde 1980, e mais valorizações poderiam desencadear uma recessão mundial

O comportamento irracional tem consequências. Um dólar desconectado dos fundamentos não tem propósito e pode desencadear um acidente financeiro capaz de fazer a economia mundial inclinar-se a uma recessão. Este é o momento, portanto, para que o governo Biden abandone sua indiferença em relação à força do dólar, reconheça seus efeitos desestabilizadores e congregue os demais países para enfraquecê-lo por meio de vendas da moeda.

Quase ninguém espera que Washington faça isso, já que os assessores de Biden já deixaram claro que pretendem ajudar o Fed a combater a inflação no país, acreditando que um dólar forte ajuda a conter os preços por tornar as importações mais baratas. Tal lógica é aceita de forma geral.

Também está, em grande parte, errada. As importações representam 12% do Produto Interno Bruto (PIB) dos EUA, cerca de um terço do que se vê nos países desenvolvidos em média, e têm um impacto pequeno nos preços dos EUA. Ainda mais importante, o dólar, como moeda dominante, é usado para dar preço à maioria dos bens globais, incluindo 95% das importações dos EUA. Dessa forma, mudanças no valor do dólar pouco influenciam no preço que os americanos pagam por essas importações.

Esse tipo de imunidade é rara. Outros países têm uma proporção maior de suas contas que precisa ser paga em moeda estrangeira e são mais vulneráveis às oscilações cambiais. Quando o dólar cai 1%, a inflação nos EUA sobe apenas 0,03%. Quando outras moedas têm esse tipo de queda, a inflação aumenta três vezes mais, no caso das outras economias desenvolvidas, e até seis vezes mais, no das economias emergentes.

O ponto central é que o governo Biden poderia ajudar a enfraquecer o dólar sem prejudicar o esforço do Fed para combater a inflação dos EUA. Na verdade, o risco do impacto imaginário do dólar na inflação dos EUA é menor do que o risco do impacto comprovado do dólar na economia mundial.

Antes da semana passada, o dólar havia se valorizado mais de 20% em 12 meses, igualando ou superando as altas que acompanharam os últimos sete grandes colapsos financeiros mundiais desde a crise da dívida latino-americana do início dos anos 1990, incluindo o das empresas ponto.com em 2001 e o da crise financeira mundial de 2008.

Essas crises envolveram vários países, incluindo os EUA, o que refuta outra noção americana predominante - que um dólar forte é um “problema” apenas para o resto do mundo.

Em 2022, dois em cada três bancos centrais do mundo emergente têm vendido dólares, uma proporção recorde desde, pelo menos, o ano 2000. O Japão se juntou a esse grupo, intervindo diretamente no mercado de câmbio pela primeira vez em um quarto de século. No entanto, o impacto dos esforços nacionais fragmentados para reforçar suas próprias moedas tem menos força que o de uma intervenção coordenada.

Como os bancos centrais, incluindo o Fed, não podem - nem devem - interromper a elevação das taxas de juros até que a inflação esteja sob controle, a venda coordenada é a única ferramenta que resta para aliviar as tensões induzidas pelo dólar ainda visíveis pelo mundo, desde os países de baixa renda até a Europa.

Em geral, os esforços liderados pelos EUA para enfraquecer o dólar se mostraram bem-sucedidos na era pós-Bretton Woods, em particular quando se dão as seguintes condições: o dólar está seriamente supervalorizado; os especuladores têm apostas pesadas na alta do dólar; a intervenção governamental coordenada pega os mercados de surpresa; e a política monetária dos bancos centrais está empurrando as moedas na mesma direção.

Hoje, as chances de sucesso são boas. Embora as políticas do Fed agora estejam fortalecendo o dólar, a moeda hoje está seriamente supervalorizada e é alimentada por grandes posições especulativas; e uma intervenção coordenada, que seria liderada pelo Tesouro dos EUA, seria um choque.

Normalmente, a intromissão governamental nos mercados de câmbio é desaconselhável, mas o dólar permanece em patamares irracionalmente altos - um dos critérios de mensuração indica que a moeda está quase 40% mais cara do que em qualquer momento desde 1980 - e mais valorizações poderiam desencadear uma recessão mundial.

O governo Biden tem tudo a ganhar se agir agora. Ao atuar para proteger os EUA do risco real de uma recessão mundial, em vez de agir pensando no risco imaginário de uma inflação alimentada pelo dólar, ganharia aplausos de um mundo cambaleando com a política de não intervenção do governo americano. **(Tradução de Sabino Ahumada).**

**Ruchir Sharma é presidente do conselho da Rockefeller International**